

## NORTE DO PARANÁ

# TERRA ABENÇOADA!

Estamos cumprindo nossa promessa!

Aí está o número especial da "REVISTA DO CAFÉ E AÇUCAR" sobre o Norte do Paraná.

Destacamos para redigi-lo, o nosso companheiro de trabalho, Carlos Serpa Duarte, indiscutivelmente um espírito brilhante e jornalista experimentado.

Durante dois meses percorreu ele todo o setentário paranaense, colhendo volumosos dados e fazendo mais de 500 chapas fotográficas.

Impulsado por um convite especial do Sr. Benedito Moreira, então em exercício de Jacaré, na época dos festejos comemorativos do 50.º aniversário da cidade, Serpa Duarte proferiu o discurso oficial do programa, no banquete oferecido aos representantes oficiais e ali presentes.

Constituindo-se esse discurso em rápido resumo da história de Jacaré, transcrevemo-lo abaixo, com os protestos de Serpa Duarte, pois afirma tê-lo escrito rapidamente, horas antes do banquete, apalhado que fôra de improviso, sob a alegação de que o Dr. Astolfo Severo Batista, orador escalado para aquele ato, estava afônico e adoentado.

Nem por isso deixa de se tornar interessante a palavra do nosso dileto companheiro.

Aqui vai ela, como abertura das reportagens e relatórios que se seguem, com os agradecimentos da "REVISTA DO CAFÉ E AÇUCAR" a todos que cooperaram para a edição deste número.

"A 24 de Dezembro de 1888, à margem do Ribeirão do Prata e anunciando o nascimento de Jesús, fez-se ouvir, pela primeira vez, nestes rincões que se constituiriam, mais tarde, uma grande esperança para o Brasil, a voz de um sino, diminuto, no seu tamanho, mas, gigantesco na sua expres-

são, pois se tornaria dali para o futuro, o emblema de uma nova civilização, o marco inicial da primeira cidade norte paranaense e a glória de pioneiros intemeratos.

Logo depois, um vulto patriarcal, à porta de uma igrejazinha rustica e recémconstruída, com os olhos fixados no infinito, emocionado e com voz firme dirigiu-se aos seus descendentes e declarou que estava fundada a cidade de Nova Alcantara, sonho dos seus sonhos, esperança de sua prole.

E fez o sinal da Cruz.

Esse varão ilustre era Antonio da Fonseca Guimarães Alcantara que ali fôra parar depois de uma épica jornada, através de invios sertões, vanguardeando 254 descendentes, na mais arrojada iniciativa do seu tempo, pois sua família





Dr. Serpa Duarte, nosso companheiro de redação.

se compunha, na quasi totalidade, da fina flor da sociedade contemporânea, como veremos adiante.

Aquele sino diminuto, que ainda hoje se encontra na Matriz desta Cidade, representa no caldeamento de seus metais, a rigidez do caráter e a estatura moral daquele cidadão inesquecível.

O tempo e a distancia tornam maiores os nossos heróis e a história de Jacarézinho é muito recente ainda para que o vulto dos seus pioneiros se agigante ao ponto da posteridade curvar-se amagógica e agradecida perante as divícias dos seus feitos e os frutos de suas batalhas.

Saiba a mocidade de Jacarézinho que a história de sua terra é uma epopéia bem mais significativa e real que as célebres conquistas do oeste norte-americano, apresentadas em filmes multicores, como espelho de uma raça de gigantes e eu confesso, ao aliviar estas linhas, que me faltam predicados necessários a dar-lhes o colorido que merecem.

Tentarei fazê-lo procurando afastar-me de argumentos que possam cansar o auditorio e baseando-me tão somente na verdade histórica, facilmente conseguida, pois vivos ainda se encontram alguns dos personagens que a compuseram, entre eles José da Fonseca Lemos, da parte dos Alcantaras e outros que a seu tempo citarei.

A Astolfo Severo Batista, poeta cujo bucolismo fala tão bem da simplicidade de nossa gente e costumes, devo grande parte dos relatos que me forneceram elementos a redigir estas notas.

Voltemos ao passado e tomemos as veredas que nos conduzirão ao encontro desses dois vultos que resumem, em grande parte, o prólogo da história de Jacarézinho, ou sejam, Antonio Guimarães da Fonseca Alcantara e Joaquim Severo Batista; este, o descobridor e aquele o desbravador dos sertões norte-paranaenses, ambos caminhando na mesma direção, sem o saberem, levados pelo mesmo destino, a um futuro que os consagraria como pioneiros de memoráveis realizações.

Começemos por Severo Batista, aquele velhinho simpático e sagaz que esta mesma geração conheceu a percorrer as ruas de Jacarézinho, inundando-as de alacridade, assustando-as com suas verrinas saudades, que faziam estremecer seus opositores e encantar seus amigos e admiradores, eu, entre eles.

Conta Astolfo Severo Batista, seu primogenito e belo exemplar da raça sertaneja que foi um periquitinho verde o traço de união que ligou seu velho pai ao cavalheiro que lhe proporcionaria a posse de uma idéia logo depois feita realidade.

Mineiro, de Alfenas, filho do casal Maximiano Batista Gomes e D. Jesuina Bueno Batista, o Coronel Batista desde moço manifestou seu gênio arrojado e irrequieto, tendo recebido com indisível praser a notícia de que seu pai resolvera partir para o Estado de S. Paulo, cuja fama de progresso e riqueza abalava as estruturas das montanhas de sua terra natal. Instalados, pouco depois, em São Simão, nosso biografado realizou sua primeira conquista, casando-se com sua prima d. Maria Teodora, filha do seu tio paterno João Batista Bueno, precursor da família nas plagas bandeirantes, como negociante e lavrador.

Amparado pelo sogro e amigo, fez-se fazendeiro, cultivando o café e, nas horas vagas, para dar expansão ao seu gênio conquistador, extraiu borracha dos seringais existentes no município, quando não alinhava cafésais, por empreitada, nas fazendas que se abriam pelas redondezas.

Tudo corria bem, mas o bravo lutador estava insatisfeito parecendo-lhe diminuto o campo para dar expansão às aspirações que lhe palpitavam n'alma, uma cousa assim como o Estado de S. Paulo inteirinho, sinão, maior...

E' que ele já suspeitava que o destino lhe colocaria nas mãos, por um golpe de audácia ou de inteligência, algo de grandioso, concreto, capaz de o elevar à culminância dos seus sonhos, à imortalidade, enfim.

De onde surgiria o acontecimento, não sabia, mas, como Castro Alves ao afirmar que sentia dentro de si mesmo o palpitar do gênio, Batista estava certo, certíssimo, que seria fator de arrancadas gloriosas.

Medrugando, certo dia, para assistir ao embarque na Casa Branca, do dr. Pedro Arbues, amigo do seu irmão Tinhamo, Batista estava longe de supor que o destino lhe daria posse de um periquitinho verde, da parte de uma menina, filha do cidadão ceusidico, lhe proporcionaria o acesso a um mundo de todo um rincão e com ele a realização máxima de suas esperanças e anseios.

Na gare da estação, ao acariciar a cabecinha loira e interessante garotinha, Batista recebeu, com insistência infantil pedido: "Moço, você pode dar-me, eu sei que posso ter um periquitinho verde..."

E o Coronel Batista ficou com o periquitinho a macerar-lhe no cérebro, por dias sem conta, até que resolveu embarcar para Casa Branca levando num alçapão de embauba e bambú, a verde esperança da garotinha gentil, longe de imaginar que aquele gesto cavalheiresco lhe abriria, para sempre, o coração de um pai extremo e dedicado.

Ao defrontar-se com a menina, Batista, com aquele sorriso que lhe era tão peculiar, alegre e galhofeiro, estendeu-lhe as mãos e entregando-lhe o presente sonhado, disse: "já sabe dizer bom dia..."

Ao seu lado, o dr. Pedro Arbues assistia enternecidamente aquele gesto encantador de um jovem que viéra de longe para satisfazer aos desejos de uma criança, com a naturalidade de um "gentleman" a cortejar a dama de sua predileção. E não esqueceu a nímia gentileza de Batista. Na manhã seguinte, levando ele proprio, o café matinal ao hospede gentil, o Dr. Pedro Arbues passou a relatar-lhe com entusiasmo, as possibilidades de um futuro gigantesco nas regiões do Norte do Paraná, cujas terras roxas e matas seculares estavam a desafiar a ação de homens realizadores. Batista, á medida que a palestra se desenvolvia e tomava vulto, inquietava-se, passeava pelo quarto, descrevia



gestos largos pelo ar, sentindo que a sua hora era chegada, pois estavam a assoprar as cinsas que encobriam o braseiro que vivia no ânago de suas aspirações.

E' que o dr. Arbues havia lhe sugerido a possibilidade de legitimar volumosas areas de terras devolutas, no Norte do Paraná, desde que se propuzesse procurar diretamente o governo da então Provincia, cujo presidente, o Dr. Brasílio Machado, havia exercido o cargo de Promotor Publico em Casa Branca e era amigo e colega de seu anfitrião, que estava bem informado sobre o mecanismo daquelas legitimações.

Batista teve impetos de sair, no mesmo instante, em demanda daquela conquista, mas, arguto, inteligente, ambicioso, procurou, daí para diante, demonstrar certa indiferença e guardou segredo do que lhe palpitava nalma.

De volta a São Simão, confabulou com Tinhano, seu conselheiro e, calculados os prós e os contras, conta Astolfo Severo Batista, fê-lo embarcar rumo a Curitiba, via marítima, enquanto ele, mais arrojado, cavalgando uma bêsta ruana, seguido de Elias, seu camarada de confiança, demandava a cidade de Castro, séde e cabeça da Comarca de todo o setentrião paranaense, naquela época.

Dom Quixote e Sancho Pança a combaterem moinhos de vento? Não, o cavalheiro bandeirante, construindo realidades. E foi assim que, por inhospitos sertões, rasgando novos rumos, em dias ensolarados e noites de borrascas e plenilunios, Batista caminhou, caminhou, sem desfalecimentos, levando no coração a ardencia de um ideal e no cerebro os gigantescos planos de suas realizações futuras.

Tendo por travesseiro o lombilho que montava e por colchão os bacheiros enxarcados de suor, nem por isso eram menos belos os sonhos do jovem audacioso, sob o céu do Cruzeiro do Sul e as matas seculares da nossa terra gigante.

Sob seus olhos maravilhados, os padrões de terra bôa se sucediam como uma promessa de encantamentos. Exemplos magestosos de Cambará, Paus D'Alho, Jangada Brava, Cebolão, Ortigão, Figueira Branca e outros arrancavam-lhe expressões de entusiasmo:

— Éta chão de qualidade, sô Elias!

Tã pedindo machado, patrão...

A alma coletiva das florestas fazia a mataria curvar a mensagem dos audazes caminhantes.

Estavam sendo escritas as primeiras paginas da historia daquela que seria a florescente Nova Alcantara, transcrevendo-se mais tarde em Jacarézinho.

Certo dia, Batista vislumbrou, ao longe, por detraz das matas, uma claridade estranha. Eram as planuras de Jaguariaiva, os campos imensos que preambulam as florestas que os sucedem para o Norte e, com eles, o desaparecimento das estradas que marcavam seu roteiro. Guiado pelo seu instinto caboclo, Batista atravessou aqueles altiplanos sem perder o rumo de sua méta parcial, a cidade de Jaguariaiva, berço natal desse simpatico e dinâmico governador que é o snr. Moisés Lupion. Daí à cidade de Castro, onde já se fizera sentir a civilização contemporânea, foi apenas um pulo e estava atingida a cabeça da comarca que guardava em seu seio o tesouro que embalava os sonhos do moço sertanista.

Ali encontrou — escreve Astolfo Severo Batista — cartas do irmão, anunciando, de Curitiba, que suas ações preliminares haviam sido coroadas de objetivos exitos.

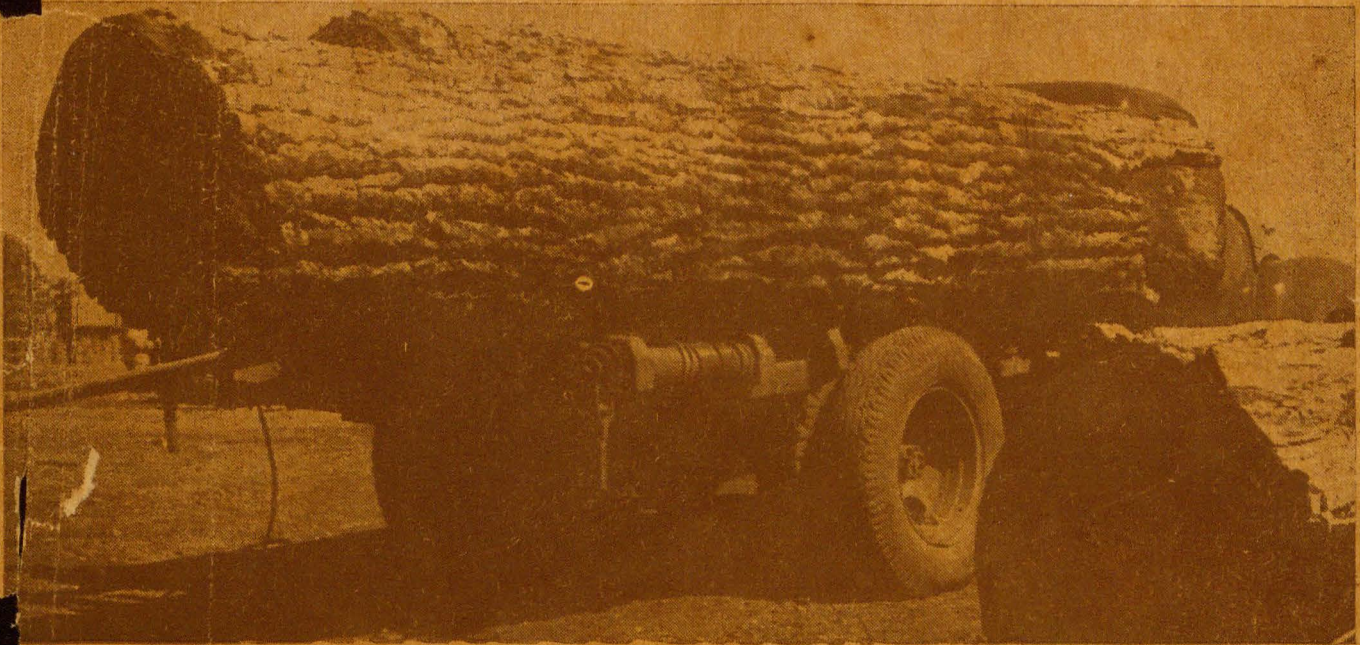
Seguindo as instruções recebidas, Batista procedeu à justificação de sua posse perante o Juiz local, remetendo, a seguir, esse documento, acompanhado de uma petição, ao presidente, solicitando a nomeação de um juiz comissario, que recaiu na pessoa do agrimensor pratico João Alves de Oliveira Negrão.

Reunidos em Castro, o legitimador e o comissario, partiram, rumo às terras a demarcar, via Campos Novos do Paranapanema, onde organizaram a comitiva necessaria à execução da tarefa e composta de camaradas, balisadores, tropas, generos alimenticios, medicamentos de urgencia, etc.

Conta ainda Astolfo que os trabalhos foram iniciados com a cravação de um marco à margem do rio Paranapanema, seguindo a linha até sua confluencia com o Cinsas e daí por esse acima até o ponto chamado Barreiro Branco, situado pouco abaixo da foz do Laranjinha, tendo sido essa area calculada em quarenta e dois mil alqueires e na realidade bem maior.

A luta foi ardua, enfrentando fêras, indios, febres, insuficiencias de toda a natureza. Conta-se que somente um ano depois, os trabalhos atingiram o marco inicial, depois de quasi dramatica passagem por todo o perímetro. Os incrédulos, derrotistas ou ciumentos afirmam que os trabalhos foram executados apenas no mapa... A verdade é que aqueles limites foram sempre respeitados.

Dispensando os trabalhadores, Batista e Negrão rumaram em demanda à capital do Estado do Paraná, levando os apontamentos necessarios ao planejamento do mapa definitivo, com o respectivo memorial descritivo.



A pujança da terra está patenteada neste belo exemplar de peroba-rosa.



Tinhano já os aguardava em Curitiba, para conclusão do processo, e, pagas as custas e emolumentos, foi a posse julgada por sentença do presidente, tornando-se Joaquim Sevéro Batista, senhor e possuidor de imensa área de magníficas terras, onde, mais tarde, surgiriam cidades como cogumelos.

No dia seguinte, presa de encontro ao seu coração palpitante, trazia Batista uma bolsa de couro, contendo os preciosos documentos que o tornaram, para sempre, o dono incontestado das terras que constituiriam, em próximo futuro, esta bela e acolhedora Jacarézinho.

Ao retornar à casa paterna, onde deixara a esposa e os primeiros rebentos, Batista surgiu como um triunfador e a notícia de sua chegada dentro em pouco atingia a toda a população, que, pressurosa, correu a abraçar o homem que possuía mais terras que todo o município de São Simão...

para Campos Novos acompanhado de toda a família, inclusive irmãos e sobrinhos.

Os intrusos, conforme verificou Batista, eram os componentes da família Alcantara, gente do mais fino trato e de elevada estirpe social, incapaz, por isso, de se apropriar de direitos alheios, legalmente comprovados.

E aqui começa, a meu ver, a fase mais empolgante da história de Jacarézinho, quando, unidos, o descobridor e o realizador se propuseram a construir a sede de uma nova região, a Capital do Norte do Paraná.

\* \* \*

Antes disso, vamos encontrar, numa tertulia suprema, na cidade de Airuoca, no Estado de Minas Gerais, o grande varão Antonio da Fonseca Guimarães Alcantara, pai de Antonio da Fonseca Alcantara que esta geração conheceu.



Café no ferreiro. A produção chega a mais de 300 arrobas por mil pés.

Vendeu Batista, ali mesmo, partes de sesmarias de terras, pela bela soma de dois mil réis o alqueire, um dinheiro naquela época...

Seu primeiro pensamento foi remeter a S. Paulo o irmão querido, para "legitimar" com um diploma de doutor seu rabulismo experimentado.

Não quiz, entretanto, o destino, que Tinhano completasse o sonho de seu irmão, pois, ao cursar o terceiro ano da Faculdade de Direito, a morte ceifou-lhe a vida, impedidamente, interrompendo futura e brilhante carreira.

Batista deixou-se abater com a perda irreparável, mas, notícias que lhe chegavam da parte de Sancho Figueiredo, diziam-lhe que suas posses estavam sendo invadidas, o que lhe reavivaram o espírito de luta, fazendo-se transportar

rodeado de sua família, prestes a rumar, numa épica caminhada, às plagas onde Batista firmara suas posses, longe de imaginar que o genio realizador de um outro mineiro havia lhe preparado o caminho e legalizado os futuros domínios.

Que se passara no cérebro daquele gigante irremediado para arriscar-se aos sertões desconhecidos, acompanhado de toda a família, nascida sobre coxins de seda e educada nos mais famosos colégios de sua época?

Escreverei brevemente um livro de quatrocentas páginas para contar, com minúcias de detalhes esse feitorável pois o reputo o mais arrojado da nossa sertanista pelo exemplo de nobreza que apresenta, formando em arrojos bandeirantes, gentis-homens